

Isotopia e metaforização textual

Ricardo Lopes Leite

Recebido 28, fev. 2009/ Aprovado 1, abr. 2009

Resumo

Este artigo discute o papel da isotopia na metaforização textual, conforme descrita por Leite (2007). Parte-se da hipótese de que a metaforização constitui um modo particular de manifestação da metáfora que redimensiona a interpretação para o nível do discurso, para além da palavra e da sentença. A isotopia, por sua vez, funciona como um dispositivo capaz de revelar e reger a coexistência de dois ou mais planos de significação metafóricos no texto durante a interpretação, garantindo, assim, o alçamento da metáfora para o nível discursivo.

Palavras-chave: *Isotopia. Discurso. Metáfora. Interpretação. Metaforização.*

1. Abordagem do tema

A metáfora é estudada há pelo menos dois mil anos. A quantidade e a regularidade de publicações sobre o assunto são indicadores da complexidade desse tema, cujos contornos não foram ainda de todo estabelecidos e cuja mescla de posicionamentos teóricos impede a formulação de uma definição unívoca. Como não bastasse, a utilização do termo passou, atualmente, a designar uma variedade de fenômenos, muitas vezes não correlatos, que descrevem e caracterizam a metáfora de forma particular.

Temos visto, assim, o embate entre estudiosos para tentar definir a metáfora. As posições defendidas, de modo geral, rivalizam entre si por meio da seguinte bipartição teórica: teorias clássicas e teorias cognitivistas. Ao descentralizarem-se umas das outras, racionam o fenômeno, explicando-o apenas sob uma determinada perspectiva. Com isso, na maioria das vezes, perde-se o fio condutor para se explicar a sobreposição de significados própria da metáfora, pois as teorias clássicas limitam as fronteiras do sentido metafórico à palavra ou à sentença, enquanto o cognitivismo contemporâneo valoriza o processamento e a busca da realidade psicolinguística da metáfora, quase sempre fundada em um realismo corporificado¹.

Em decorrência desse quadro, a quantidade de estudos que dizem respeito à manifestação da metáfora no texto/discurso² ainda é bastante limitada. Com efeito, analisar a metáfora como fenômeno discursivo, como processo, demanda a conjunção de pressupostos teóricos diversos, bem como pressupõe a elaboração de categorias de análise aptas a apreender a pluralidade de sentidos revelada nessa dimensão, lugar legítimo da significação.

Neste artigo, examinamos a função da isotopia no fenômeno de metaforização textual, estudado por Leite (2007). Inicialmente, apresentamos um panorama da metaforização textual com o propósito de demonstrá-la como um modo de manifestação discursiva da metáfora. Em seguida, discutimos o conceito de isotopia, proposto inicialmente no seio de uma semântica estruturalista, com o intuito de redefini-lo em termos discursivos. Ao final, analisamos, por meio de exemplos, a função da isotopia como dispositivo discursivo, regulador dos planos de significação metafórica do texto.

2. Da metáfora à metaforização

Em *A metáfora viva*, Paul Ricoeur (2000) discute as principais teorias da metáfora, caracterizando-as em três níveis distintos, mas que guardam entre si certa dependência: o nível da palavra, o nível da sentença e o nível do discurso. Alocada no primeiro nível, a metáfora manifesta-se restrita a uma unidade lexical,

¹ Dentre os estudos representativos de uma visão clássica da metáfora estão os de J. Cohen (1974), Grupo μ (1974, 1977), A. I. Richards (1936) e Black (1962). No âmbito das teorias cognitivistas, são representativos os estudos de Lakoff & Johnson (1980, 1999) e seguidores.

² Optamos por tomar os dois termos como interdependentes, evitando, assim, uma discussão teórica consabidamente infrutífera, que nos levaria à fuga dos nossos objetivos.

ora como substituição e deslocamento de seu sentido literal, ora como comparação implícita entre termos. Quando considerada no nível da frase ou sentença, passa a ser um enunciado imperitante ou o resultado da interação entre *teor e veículo*, e não mais uma denominação desviante. No nível do discurso, por sua vez, consiste em uma maneira de redescrever a realidade, erigida à custa de uma pluralidade de manifestações textuais e discursivas que indeterminam, parcialmente, sua forma e seu sentido.

Consoante o filósofo francês, cada nível pressupõe uma ligação mínima com o nível precedente. Em outros termos, em vez de serem abandonadas, as teorias da metáfora/palavra devem ser ampliadas, na medida em que, constituindo ou não um desvio da denominação ou uma transferência de traços semânticos entre dois termos em comparação, é da palavra que partirão as teorias da metáfora/sentença. Ou seja, a palavra permanecerá como transportadora do sentido metafórico, também, em uma teoria da predicação. Mais ainda, à medida que a metáfora desloca-se da frase para o texto/discurso, a palavra continuará sendo, em última instância, o *suporte* do efeito de sentido metafórico cujo papel é encarnar, também no nível discursivo, uma identidade semântica.

Arrimados nessa proposta, compreendemos que o surgimento da metáfora no plano discursivo deixa de ser um simples jogo de figuras e passa a ser um mecanismo de constituição de sentidos. Logo, nessa nova dimensão de análise, esvanecem-se de tal modo os limites da palavra e da sentença, que o sentido metafórico já não pode ser encontrado em um só lugar, senão no contínuo da significação textual. Se assim o for, a metáfora deve ser construída a cada movimento interpretativo, como decorrência do trabalho inferencial do leitor e de mecanismos discursivos como a *isotopia*, capazes de revelar as práticas socioculturais imbricadas na linguagem no momento da interpretação. A este fenômeno capaz de engendrar ou multiplicar o sentido metafórico durante o ato interpretativo, damos o nome de metaforização textual.

Convém lembrar que o termo metaforização não possui uma definição exata nos estudos da metáfora. Comumente, o vemos empregado para designar o processo geral pelo qual uma expressão linguística passa a ter um uso metafórico. Neste artigo, a metaforização diz respeito a um processo de construção discursiva do sentido metafórico, irrestrito a um item lexical ou a uma sentença atributiva, como apreçoam as teorias clássicas. Vejamos um exemplo:

Exemplo 1: Como foi o começo para o senhor? Pergunta o psiquiatra para o paciente.

— Bem, doutor, no começo eu criei o céu... a terra... o mar...³

³ Texto extraído do livro *Piadas: loucos*. Ciranda Cultural: editora e ilustrações, s/d.

Para que se estabeleça o sentido humorístico desta piada, o leitor precisa considerar uma relação metafórica em que um paciente, provavelmente com problemas mentais, se considera “Deus”. Contudo, não há, no exemplo, como identificar essa relação explicitamente na superfície do texto, por meio de uma palavra específica ou de uma estrutura sentencial atributiva do tipo *A é B*, uma vez que nos devemos fazer as seguintes indagações: há uma expressão metafórica dada *a priori* na superfície textual? O que seriam o *teor* e o *veículo* metafóricos?

Creemos que a resposta encontra-se no modo como a tessitura textual constrói o sentido metafórico durante a leitura, por meio da metaforização do texto. Ou seja, não há metáfora materializada no texto; tanto os itens lexicais quanto as sentenças solidarizam-se com o propósito de fornecerem pistas necessárias para que o sentido metafórico seja alcançado em um nível discursivo. Como afirmamos anteriormente, a interpretação depende, antes de tudo, da mobilização de mecanismos inferenciais, decorrentes da interação entre o leitor e o texto, que possibilitem ao leitor identificar as isotopias ou os planos de significação potencialmente inscritos no texto.

Em outros termos, o *insight* capaz de relevar a metáfora na qual o sujeito, supostamente louco, pensa que é Deus, somente é possível pela instalação de duas isotopias simultâneas à interpretação: a primeira referindo-se a doenças mentais, por conta do diálogo entre *paciente* e *psiquiatra*, e a segunda referindo-se ao ato divino de criação do universo, convocada pela intertextualidade com a passagem bíblica do Gênesis, mas ancorada na ambiguidade da pista textual *começo*. Notemos, pois, que a metáfora atributiva *o paciente é Deus*, na forma clássica *A é B*, encontra-se implícita no texto, mas somente pode ser interpretada mediante a tensão entre esses dois planos isotópicos, e não entre itens lexicais ou entre o tópico e o veículo de uma sentença. Detalhemos a seguir o conceito de isotopia.

3. Isotopia: da perspectiva estrutural para a discursiva

Isotopia é um termo que migrou da Física para a Semiótica. Usado, naquela, para designar propriedade de elementos que possuem o mesmo número atômico, mas cujos números de massa são distintos, nesta, foi definida, a princípio, no âmbito da semântica estrutural de A. J. Greimas (1973) como a iteração de semas ao longo de uma cadeia sintagmática. Segundo o semioticista, essa iteração é efetuada pelos elementos de significação e não pelas palavras, pelas figuras e não pelos signos. Haveria, assim, traços que se reiteram, repetem-se e são recorrentes ao longo do enunciado, cuja função seria assegurar a coesão semântica e a homogeneidade do discurso enunciado.

Klinkenberg (2003) vincula este tipo de isotopia aos conceitos de redundância e economia semiótica, haja vista todo elemento de um enunciado inscrever-se no contexto criado pelos elementos que o precedem. Segundo ele, isso diminui o custo semiótico da leitura, na medida em que as informações já fornecidas servem de pano de fundo às novas, e, juntando-se às primeiras, produzem novas informações, e assim por diante. Vista sob esse prisma, a isotopia reveste-se de uma importância decisiva na manutenção da coerência semântica intratextual, pelo fato de assegurar continuidade temática e figurativa ao texto por meio de elementos semânticos repetidos de uma frase a outra.

Bertrand (2003) prefere, por outro lado, acentuar o caráter restritivo da definição. Segundo ele, essa concepção é totalmente estrutural e dedutiva, uma vez que pretende explicar a totalidade do sentido por meio do desnudamento progressivo das menores unidades de significação, os semas. Ou seja, a isotopia se estabelece pouco a pouco, à medida que os semas acumulam-se, organizam-se e hierarquizam-se.

Como ilustração, o autor apresenta o clássico exemplo de Chomsky: a sentença “as ideias verdes incolores dormem furiosamente”. Lida sob a concepção estrutural de isotopia, não há como se estabelecer a coerência semântica do enunciado, pois nenhum *sema* ou *classema* promove a reiteração semântica entre os *sememas*, o que faz os termos sucessivos exibirem traços contraditórios e incompatíveis, tornando a sentença asemântica ou a-isotópica, embora perfeitamente gramatical. Conforme assevera Bertrand:

Essa concepção tende a considerar que a significação está, de certo modo, pré-estabelecida no próprio texto, sendo por isso fechada e imutável. Ela não leva minimamente em conta as operações de construção do sentido pela atividade enunciativa do autor ou do leitor (BERTRAND, 2003, p. 188).

É sobretudo por conta da necessidade de apreender essa dimensão discursiva que o conceito de isotopia sofreu diversas reformulações. Embora permaneçam baseadas no princípio da reiteração de elementos como forma de construir o sentido do texto, as definições posteriores à elaboração teórica inicial de Greimas são mais amplas, flexíveis, já que, nelas, a reiteração não se assenta somente sobre os semas ou classemas. Há também outros níveis de reestruturação do significado, que podem ser recobertos por fenômenos como, por exemplo, a figurativização e tematização, nos quais podemos distinguir diferentes modos de presença da isotopia na leitura.

Na opinião de Bertrand (2003), a propriedade central da isotopia, a reiteração de traços semânticos, não deve ser abandonada, mas redefinida. Isto é, em vez de partir dos elementos

(semas) para o conjunto (texto), deve partir do conjunto para os elementos. Segundo ele, é preciso colocar a isotopia no discurso sob a responsabilidade do enunciador e leitor, tornando-a a redundância de “um efeito de sentido” capaz de constituir significações durante a atividade de leitura.

Se retomarmos o exemplo chomskiano, veremos que a isotopia discursiva constrói a significação de maneira totalmente diferente. Basta o leitor formular a hipótese de que o semema da palavra *ideias* constitui uma metonímia de *ideologia* ou *partido*, para termos a possibilidade de uma leitura política de todo o enunciado. Em outras palavras, se considerar *ideias* como um núcleo isotopante, o leitor tentará atualizar um sema compatível com essa isotopia em cada um dos sememas subsequentes do enunciado. Como consequência, teremos a possibilidade de dotar o enunciado de coerência semântica: “as ideias verdes” (opinião dos ecologistas), “incolores” (nem de direita nem de esquerda), “dormem” (estão ocultas na sociedade, na mídia, por exemplo), “furiosamente” (a ponto de emergirem em forma de revolta).

Alguém pode argumentar que essa interpretação é descabida, incoerente, porém, isso não faz senão confirmar a possibilidade de abertura da significação, bem como “a existência pressuposta de um espaço fiduciário subjacente à leitura, que comanda a correta ou possível interpretação dos enunciados” (BERTRAND, 2003, p. 191).

Na instância discursiva, portanto, a individuação das isotopias depende da cooperação entre leitor e texto, determinada simultaneamente pela sua competência em realizar *abduções*⁴ e pela própria natureza da manifestação linear do texto.

Salientamos, entretanto, que adotar a isotopia como instrumento de análise implica acatar certa disciplina no ato da interpretação. Devemos sempre partir do princípio de que o texto é um objeto linguístico globalmente coerente e não um simples estímulo à imaginação ou criatividade do leitor. Um modo de disciplinar a aplicação dessa categoria de análise no texto metafórico é distinguir a manifestação de dois tipos de isotopia, analisadas a seguir: as figurativas e as temáticas.

4. As isotopias figurativas e temáticas

O termo *figuratividade*, segundo Bertrand (2003), designa a propriedade que a linguagem, seja verbal ou não-verbal, possui de produzir ou restituir parcialmente significações semelhantes àquelas produzidas pelas nossas experiências perceptivas mais concretas, permitindo, assim, localizar no discurso esse efeito de tornar sensível a realidade sensível.

Grosso modo, a figuratividade representa a presença de elementos concretos, do mundo natural na superfície do texto como, por exemplo, um texto cujo *tema*, “fuga da prisão”, foi construído

⁴ O estudo sobre a abdução faz parte da extensa obra de Charles Sanders Peirce no campo da semiótica. Na verdade, consiste em um resgate dos escritos de Aristóteles. Para os fins deste artigo, basta-nos a definição formulada por Parret (1997): o dispositivo abduativo consiste na aposta do leitor em uma interpretação possível, apenas, que deverá ser confirmada no curso da leitura. Ao contrário da dedução e da indução, a atividade abduativa, fabrica o sentido. Enquanto naquelas o indivíduo e a sociedade apenas acionam e testam seus conhecimentos e suas crenças, nesta significam novas experiências.

a partir das seguintes figuras: *muro, grade, corda, homem, noite*, dentre outras. Assim, estabelece significação para tudo o que se liga à nossa percepção do mundo exterior (pelos cinco sentidos: visão, tato, olfato, audição e gustação) por meio do discurso (verbal ou não-verbal). Com isso, passa a ser um processo – a figurativização – que articula “propriedades sensíveis” com “propriedades discursivas”. Greimas, contudo, adverte:

A figuratividade não é mera ornamentação das coisas; é essa tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, em razão de sua imperfeição ou por culpa dela, como que uma possibilidade de além sentido. Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível (GREIMAS 2002, p. 74).

Devemos, portanto, reconhecer a figurativização como uma espécie de “arena do sentido”, a fachada mais concreta do discurso, aquela que faz surgir na língua as imagens da experiência sensível do mundo.

Sob o plano figurativo, cria-se, então, o “crer compartilhado”, capaz de gerar o reconhecimento de um mundo comum na leitura e a ilusão de verdade do texto/discurso:

[...] Como se diz na semiótica, um ‘contrato de veridicção’, uma relação fiduciária de confiança e de crença entre os parceiros da comunicação, que especifica as condições de correspondência, um crer partilhável e partilhado no interior das comunidades linguísticas e culturais, que determina a habilitação dos valores figurativos e enuncia seu modo de circulação e validade (BERTRAND, 2003, p. 406).

Em grande parte dos textos, porém, o plano figurativo do texto precisa ser recoberto ou assumido por um *tema*, já que este determina o sentido e o valor das figuras. Em Semiótica, *tema* diz respeito às palavras ou expressões que representam algo não existente no mundo natural, como *felicidade, humanidade* ou *feminilidade*, por exemplo. Expressa, assim, elementos abstratos, suscitados pela elasticidade semântica da figuratividade promovida pelo contrato de cooperação, cuja função seria explicar a realidade e representar o mundo através de um investimento conceptual. Os temas organizam, categorizam e ordenam a realidade significativa de modo a permitir sua interpretação.

É possível tornar a definição de *tema* ainda mais precisa por meio do conceito de *tematização* – processo pelo qual se dota uma sequência de figuras “de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais” (BERTRAND, 2003, p. 213).

Consequentemente, a coerência semântica do texto/discurso é função tanto de isotopias figurativas quanto de isotopias temáticas: enquanto a isotopia figurativa atribui ao texto/discurso uma imagem organizada e completa da realidade, ou

uma ilusão total do irreal, através da redundância de traços figurativos, a isotopia temática revela sua dimensão abstrata.

Visualizadas por meio da figurativização e tematização, as isotopias são, na maioria das vezes, complexas, assim como podem encontrar-se entrelaçadas dentro do texto. Ou seja, essencialmente figurativas em uma receita de culinária ou em um manual de instruções, podem perfeitamente se cruzar em um poema ou em textos socialmente partilhados, como os exemplos analisados neste trabalho. Caberá à leitura hierarquizar, reconhecer e isolar uma ou mais isotopias que comandam a significação global do texto.

5. Isotopia e Metaforização textual

Autores como Fontanille (2007), Klinkenberg (2003) e Fiorin (2002, 2005) destacam o conceito de isotopia nos estudos semióticos da metáfora. A ideia central subjacente à proposta desses autores é a concepção de metáfora como um *conector de isotopia* porque introduz uma isotopia inicial (o campo figural do metaforizado) no campo de atração de uma segunda isotopia (o campo figural do metaforizante). A partir dessa significação inicial abre-se, então, um novo universo de sentido.

O surgimento de um conector de isotopia, por conseguinte, relaciona no texto dois planos de significação, distintos em certos aspectos e semelhantes em outros. Mediante essa relação, se estabelece na leitura uma configuração de sentido que pode ser lida de dois modos, sob duas isotopias. Essa sobreposição de sentidos permite ao leitor a passagem de uma para a outra e, por conseguinte, a leitura plural do texto.

Demonstremos com o poema *Lua cheia*, de Cassiano Ricardo, analisado por Fiorin (2002):

Exemplo 2:

Boião de leite
 Que a noite leva
 Com mãos de treva
 Pra não sei quem beber.
 E que, embora levado
 Muito devagarinho,
 Vai derramando pingos brancos
 Pelo caminho.

Uma primeira interpretação do poema poderia ser realizada sobre uma isotopia “objetal” na qual a expressão *boião de leite* seria entendida como *vaso bojudo de boca larga cheio de leite*. Entretanto, o segundo verso gera uma impertinência semântica, pois *a noite* não pode carregar um *boião de leite*. Esse contexto conduz o leitor a assumir esta expressão como uma metáfora cujo significado passa a ser *lua*, devido ao fato de que há uma

interseção sêmica entre os dois termos: os traços *forma redonda* e *brancura* são comuns a ambos.

Ao instaurar a leitura sobre o plano isotópico da *astronomia*, a expressão *boião de leite* funciona como um conector de isotopias, pois, agora, lemos os versos como *movimento da lua no céu à medida que a noite avança*. Mantendo-se essa isotopia, o sentido metafórico projeta-se sobre outras expressões linguísticas do poema como *derramando* e *pingos brancos*, que deixam de ser vistas como *pingos de leite caindo*, pertencentes à isotopia objetual e passam a significar *estrelas que vão surgindo no céu*, concernente à isotopia astronômica. Ou seja, a partir de *pingos brancos*, asseguramos a seleção de propriedades semelhantes (a forma e a cor) a *pingos de leite* ou a *estrelas*, dependendo da isotopia escolhida pelo leitor na interpretação.

Todavia, a despeito da competente análise do poema realizada por Fiorin, o exemplo não esgota as possibilidades de aplicação do conceito de isotopia na configuração do sentido metafórico de um texto. Conforme vimos na metaforização da piada apresentada anteriormente, em determinados textos socialmente partilhados, a isotopia cumpre funções discursivas que vão além de simples relações de semelhança constituídas pela seleção de propriedades em um sistema semântico previamente codificado. Analisemos, pois, a nota jornalística abaixo:

Exemplo 3:

Chita

Atuante e empreendedora em Trancoso, paraíso de milionários no sul da Bahia, além de politicamente mais que correta, Elba Ramalho caiu nas graças do novo prefeito de Porto Seguro, Jânio Natal. Ela foi convidada por ele e vai comandar a organização de todos os festejos de São João no eixo Trancoso-Arraial d'Ajuda-Porto Seguro (ÉPOCA, 31/01/2005).

O texto acima pode ser lido inicialmente sob a isotopia figurativa de *festas juninas*. Se assim o for, o termo *Chita*, ao projetar algumas de suas propriedades semânticas sobre outras expressões do texto, desencadeia a reiteração de traços que finda por enriquecer o sentido dessas expressões, imputando-lhes a referência ao contexto de festejos juninos. É precisamente isto que ocorre quando se estabelece a relação, de cunho metonímico, entre os termos *Chita* e *festejos de São João*, em que vemos assegurada a coerência semântica do texto e a referência ao primeiro termo como sendo o tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores, típico dos festejos juninos.

No entanto, a interpretação do texto não se esgota somente com a configuração da isotopia *festas juninas*. É razoável supor que a expressão *Chita* possa ser convocada, pelo conhecimento enciclopédico do leitor, com outro significado: referindo-se ao chimpanzé, companheiro de Tarzan, o rei das selvas, do cinema

e das histórias em quadrinhos. Instaure-se, neste caso, outra isotopia cuja natureza é, desta feita, metafórica, relacionada ao universo das histórias de *Tarzan*.

Por conta da presença simultânea de duas isotopias no texto, a passagem de um universo de significação (*festas juninas*) para outro (história de *Tarzan*) é realizada por um *conector de isotopia*, no caso, a expressão *Chita*. Este termo cumpre o papel de estabelecer semelhanças e dessemelhanças de sentido entre os elementos textuais capazes de permitir ou não o surgimento de relações metafóricas, a depender de qual isotopia esteja sendo atualizada durante a interpretação.

Tendo em vista a possibilidade de as isotopias figurativas serem recobertas ou assumidas por isotopias temáticas, a identificação de um tema poderá suscitar outros feixes de significação, que incluirão a visão de mundo do leitor, estereótipos socioculturais, bem como do efeito de absurdidade ou irrealidade.

Sendo assim, no plano metafórico, podemos ter a projeção e a reiteração de determinadas propriedades semânticas do termo conector *Chita* sobre outras expressões linguísticas do plano textual. Produz-se, então, uma cadeia inferencial solidária entre o conector de isotopia e as pistas textuais, que enriquecem suas propriedades semânticas e atualiza o sentido do texto: revela-se, dessa maneira, uma isotopia temática, relacionada à *parceria política* em que *Elba Ramalho* e o *novo prefeito Jânio Natal* passam a ser vistos metaforicamente como *Chita* e *Tarzan*, respectivamente. Nesta altura, contudo, surge a interrogação: em que medida *Elba Ramalho* se assemelha metaforicamente à *Chita* e o *prefeito Jânio Natal* ao *Tarzan*?

Durante a leitura, sob a regência dessa nova isotopia, algumas propriedades de *Chita* como *chimpanzé* e *animal selvagem* permanecem narcotizadas, enquanto outras, como *companheira de Tarzan*, *fiel* e *esperta* são magnificadas⁵ e projetadas sobre outras expressões do texto, tais como *Trancoso*, *atuante*, *empreendedora*, *politicamente mais que correta* e *caiu nas graças, novo prefeito, convidada por ele e comandar a organização de todos os festejos*.

Da redundância desses traços de significação surgem as relações metafóricas. Ou seja, do encadeamento sêmico entre as pistas textuais *atuante*, *empreendedora*, *politicamente mais que correta*, referentes a *Elba Ramalho* e as propriedades semânticas *companheira de Tarzan*, *fiel* e *esperta*, referentes a *Chita*, estabelece-se a metaforização da cantora *Elba Ramalho* em *Chita*: à semelhança de *Chita*, a cantora também é *parceira*, *companheira* e *fiel*.

Repete-se o mesmo procedimento, para que tenhamos a metaforização do *prefeito Jânio Natal* em *Tarzan*: a redundância isotópica atinge as expressões *caiu nas graças*, *convidada* e *comandar a organização de todos os festejos, novo prefeito de Porto Seguro, Jânio Natal*. Dessa forma, podemos inferir que *novo prefeito de Porto Seguro* pode ser visto metaforicamente como *Tarzan*, pelo fato de

⁵ Os conceitos de magnificação e narcotização de semas são utilizados por ECO (1991 e 2000) em seus estudos sobre a metáfora. Em linhas gerais, dizem respeito ao mecanismo de seleção de traços semânticos, que ocorre durante a interpretação.

que comanda *Trancoso*, distrito de Porto Seguro, metaforizado como um local selvagem, isolado, com vasta natureza, habitado por chimpanzés como *Chita* e onde Tarzan poderia ser de fato “o rei das selvas”.

Notemos também a importância das pistas textuais *caiu nas graças e foi convidada*, uma vez que colocam Elba Ramalho na posição de parceira de *Tarzan*, mas, ao mesmo tempo, impõem um traço de subordinação, pois que *Chita*, nas histórias de *Tarzan*, é sua fiel companheira, mas sempre subordinada ao rei das selvas. Confirma-se, assim, a isotopia temática relacionada a *parceria política*.

A isotopia coloca, portanto, a metaforização como um procedimento discursivo de constituição do sentido. Assim, o plano textual funciona como um corredor isotópico que possibilita a criação de sentidos metafóricos originais, refletores das práticas socioculturais de uma comunidade.

6. Considerações Finais

Conforme vimos no decorrer do artigo, a metáfora inscreve-se em alguns tipos de texto como possibilidade, como fenômeno discursivo, jamais como simples jogo semântico vinculado à palavra ou à sentença. Nessa nova dimensão de análise, renuncia-se à ilusão de que uma linguagem literal, da qual a metáfora seria um desvio, subjaz à interpretação, assegurando a objetividade lingüística na descrição da realidade. Em outros termos, de uma maneira particular de representação lingüística do mundo, a metáfora passa a ser vista como um processo de ressignificação do real, mediado pelo jogo enunciativo do texto.

Assumir a metaforização textual demanda, por conseguinte, compreendermos a metáfora como um fenômeno cuja aparente inevidência na superfície textual (em forma de palavra ou sentença) configura outros níveis de interpretação. Em outras palavras, a indeterminação do significado das formas lingüísticas responde pela constituição do sentido. Estas assumem, agora, o estatuto de objetos discursivos que, sob a chancela de mecanismos como a isotopia, refletem estereótipos socioculturais, simulam discursos e perspectivam visões diversas da realidade que nos rodeia.

Enfim, para que o conceito de isotopia possa ser aplicado à metaforização textual, é preciso considerá-lo como uma propriedade do discurso, e não da frase ou enunciado, já que suas possibilidades operacionais vão além dos limites estritamente semânticos. É da imbricação da isotopia no próprio processo de leitura que se revelam diferentes feixes de significação contidos potencialmente no texto.

Abstract

This paper discusses the role of isotopy in textual metaphorization, as described by Leite (2007). The article starts from the hypothesis that metaphorization is a particular mode of metaphor manifestation that resizes interpretation to discourse level, beyond word and sentence levels. As far as isotopy is concerned, the study proposes that it works as a device which can reveal and regulate the co-existence of two or more metaphorical meaning plans within text, during interpretation, which warrants metaphor upgrading to discourse level.

Keywords: *Isotopy. Discourse. Metaphor. Interpretation. Metaphorization.*

Referências

- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru/SP: EDUSC, 2003.
- BLACK, M. Metaphor. In: *Models and Metaphors*. New York: Ithaca, 1962. p. 25-47.
- COHEN, J. *Estrutura da linguagem poética*. Trad. Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974.
- ECO, U. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Trad. Maria rosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.
- ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIORIN, J. L. . *Métaphore et métonymie: deux processus de construction du discours*. In: Jean Marie Grassin. (Org.). *The International Dictionary of Lieterary Terms*. 1 ed. Limoges: Association Internationale de Literature Comparée, v. 1, 2005. p. 1-25.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução: Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- GREIMAS, J.A. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Cláudia M.A.Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- GRUPO μ . *Retórica Geral*. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.
- GRUPO μ . *Retórica da poesia: leitura linear, leitura tabular*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- KLINKENBERG, J. M. A figura retórica pode desempenhar um papel argumentativo?. *Significação*, 19, p. 201-222, 2003.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G., & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Book, 1999.

LEITE, R. L. *Metaforização Textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2007.

PARRET, H. *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1997.

RICHARDS, I. A. *The Philosophy of Rhetoric*. London: Oxford University press, 1936.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.